

Teologia simbólica, juventude e sentido de vida

*Cleudir José dos Santos**

Resumo

Que palavra a teologia simbólica teria para a juventude, a propósito do Simpósio Internacional da FAJE de 2023? Em resposta a essa pergunta, como proposta de um tema para apresentação, destacamos na Carta Convocatória do evento as questões do religioso e do sentido da vida, para fins de uma reflexão a partir da teologia simbólica. Assim, os objetivos deste trabalho serão os de refletir sobre os simbolismos juvenis e religiosos, bem como apontar para alguns sentidos cristãos de realização e de comunhão com Deus. A metodologia utilizada será a de pesquisa bibliográfica. Na conclusão, como forma de resultados alcançados, veremos que, assim como os jovens apontam para desafios e realizações em direção ao futuro, a teologia expressa em linguagem simbólica aponta para o chamado de Deus e sua experiência, em direção à plenitude do Espírito. A correlação entre essas duas formas de dinamismo, por fim, indica para uma interdependência onde o dom de Deus pode iluminar e frutificar a juventude.

Palavras-chave: Juventude. Sentido. Símbolo. Teologia Simbólica. Vida.

Introdução

Para atingir os objetivos deste trabalho, vamos articular três ideias principais, teologia simbólica, juventude e sentido de vida. Para fundamentar as questões teológicas do simbolismo, tomamos o teólogo Charles André Bernard (1923-2001), um ilustre contemporâneo jesuíta, professor do Instituto de Espiritualidade da Universidade Gregoriana por 37 anos. É autor de uma vasta obra teológica envolvendo mística e espiritualidade, cujo contato inicial pode ser feito através do site www.amicidipadrebernard.org, que dispõe acesso livre a algumas de suas obras, além de informações biográficas. Sobre o tema da juventude, tendo em vista que sua complexidade nos imporia inserções das áreas da psicologia, pedagogia, sociologia e antropologia, entre muitas outras, limitamo-nos à perspectiva teológica e, nesse sentido, buscamos alguns subsídios da Igreja que nos orientasse o olhar. Do mesmo modo consideramos a abordagem sobre o sentido de vida, com a diferença de que acrescentamos alguns aspectos da abordagem junguiana, cuja perspectiva é amplamente simbólica e reconhecedora da

* Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). cleudir.santos@hotmail.com

importância da religião e das funções espirituais que nos encaminham para o sentido completo e último de nossas vidas, que é Deus.

1. Símbolo, teologia simbólica e afetividade

A palavra símbolo vem do grego *Symbolon*, que tem origem no verbo *syn-ballein*, cujo significado está em reunir duas realidades ou coisas diferentes. “Na antiga Grécia era difundido o costume de partir na metade anéis, moedas ou quaisquer objetos, dando-se uma das metades a um amigo ou a um hóspede” (ABBAGNANO, 2007, p. 1069, Verbete Símbolo). Essas metades permitiam a seus portadores se reconhecerem até através das gerações. Dessa forma, o símbolo consegue fazer a ligação entre o seu significado e aqueles participam da experiência de reconhecimento. Isso acontece porque o símbolo guarda em si uma realidade ou parte dela.

Como linguagem da experiência religiosa, o símbolo nos permite comunicar a vivência misteriosa, segundo a percepção que temos da experiência que realizamos. Nesse sentido, o símbolo faz uma transignificação da realidade objetivada. Como uma forma de intuição daquilo que não é conhecido, o símbolo carrega sempre uma multiplicidade de sentidos.

O símbolo é a linguagem básica da experiência religiosa. Funda todas as outras. Tem um valor essencial que é necessário destacar mais uma vez: o símbolo “faz pensar”; o símbolo “diz sempre mais do que diz”. É a linguagem do profundo, da intuição, do enigma. Por isso é a linguagem dos sonhos, da poesia, do amor, da experiência religiosa (CROATTO, 2010, p.118).

Na teologia simbólica, conforme elaborada por Charles André Bernard, vamos tratar especificamente da apropriação da linguagem simbólica para expressão da experiência espiritual. Isso nos é possível porque “É característico da linguagem simbólica passar da imagem construída a partir da atividade sensível, para outro nível significativo: a montanha, por exemplo, torna-se símbolo de esforço moral ou espiritual”¹ (BERNARD, 1984, p. 11). Nesse modo privilegiado de exprimir a realidade espiritual, Jesus se apresenta como pão da vida (Jo 6, 35) e a luz do mundo (Jo 8, 12; 9, 5), conforme continua explicando BERNARD (1984, p. 11). Bastante ilustrativos são também os símbolos da esposa e das núpcias, entre outros, presentes no Cântico dos Cânticos, além da profusão de símbolos utilizados no Apocalipse.

Os sacramentos e toda a liturgia nos falam em linguagem simbólica. Como nos diz SESBOÛE (2009, p. 22-23), os sacramentos são símbolos que nos trazem à memória aquilo

¹ “È proprio del linguaggio simbolico muovere dall'immagine costruita a partire dall'attività sensibile per passare ad un altro livello significativo: la montagna, ad esempio, diventa simbolo dello sforzo morale o di quello spirituale”.

que Cristo cumpriu por nós. Por exemplo, no batismo a água simboliza o próprio batismo de Jesus.

A função simbólica, ao operar a movimentação das energias psíquicas que circulam do mundo físico até o nível espiritual e deste àquele, exige uma carga significativa de afetividade, a qual interpelará a pessoa.

Chamemos a atenção para a dupla dimensão que reconhecemos na afetividade: orientada para o exterior, é também uma expressão do estado interior do sujeito. O movimento afetivo apresenta-se, assim, particularmente complexo também neste aspecto: a complexidade diz agora respeito não à interpretação dos afetos, mas à atitude do sujeito perante eles² (BERNARD, 1985, p. 23-24).

Da mesma forma, também ao realizar a experiência espiritual, considerando o contato com a inefabilidade do mistério, cuja expressão demandará necessariamente o simbólico, a atitude pessoal fará a diferença. Diante do livre dom de Deus cabe-nos a abertura à jornada do espírito.

Bernard faz duas considerações bastante atuais a utilização da linguagem simbólica na teologia: que são poucos os estudos sobre a função transformante dos símbolos e que falta entre os próprios teólogos considerar a efetividade da expressão simbólica.

Poucos autores falaram da função transformadora do símbolo na vida espiritual e mística. Se, de fato, a presença do símbolo na expressão dos místicos é bem evidente, a sua necessidade, ou pelo menos a sua utilidade, é pouco sentida. Sobretudo aos olhos dos teólogos, que se movem habitualmente na ordem do discurso abstrato, a expressão simbólica passa mais por ornamentação poética do que por discurso substancial³. (BERNARD, 1984, p. 341).

2. Juventude e simbolismo

Minha primeira reação ao desafio do presente trabalho foi perguntar pela definição de jovem. Quem é jovem? Qual é sua faixa etária? Por extensão outras perguntas foram surgindo. Como eu poderia falar dos jovens sendo idoso? Essas perguntas me remeteram à questão dos estatutos. O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.582/2013) considera jovem a pessoa com idade entre 15 e 29 anos e dispõe sobre seus direitos. É interessante notar que o jovem, dos 15 aos

² “Riportiamo l'attenzione sulla doppia dimensione che abbiamo riconosciuto all'affettività: orientata verso l'esterno, essa è anche espressione dello stato interiore del soggetto. Il movimento affettivo appare dunque particolarmente complesso anche sotto questo aspetto: la complessità interessa ora non più l'interpretazione degli affetti ma l'atteggiamento del soggetto nei loro confronti”.

³ “Pochi autori hanno parlato della funzione trasformante del simbolo della vita spirituale e mistica. Se infatti la presenza del simbolo nell'espressione dei mistici è abbastanza evidente, la sua necessità, o almeno la sua utilità, sono poco sentite. Soprattutto all'occhio dei teologi, i quali abitualmente si muovono nell'ordine del discorso astratto, l'espressione simbolica passa più per ornamento poetico che non per una parola sostanziale”.

18 anos, também é considerado adolescente, conforme o Estatuto da Criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990).

À leitura do Estatuto da Juventude surgem duas outras informações interessantes. Uma, no Art. 2, Inciso VIII, lê-se o princípio da “valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações”. A outra, no Art. 17, Inciso II, faz saber que o jovem não será discriminado por orientação religiosa. Como interpretei, o trato intergeracional e a religiosidade são assuntos aprovados para os jovens. Dois bons argumentos, portanto, a justificarem a abertura da minha palavra, na condição de idoso e estudante de teologia, sobre aqueles a quem a juventude, conforme sua escala, ainda reserva dois estatutos.

Entretanto, uma abordagem específica sobre a teologia simbólica aplicada aos jovens impõe desafios. Primeiro porque, em geral, as teologias aplicadas à espiritualidade, como a simbólica, a afetiva e a mística, não tratam especificamente das idades em que as pessoas se encontram em sua jornada espiritual, mas dizem da pessoa que realiza sua experiência em suas condições particulares e interações imediatas, de suas atitudes e respostas ao Espírito, o que envolve toda a sua personalidade, diante de si mesma e do mundo. Segundo, que o período da juventude é instigante, repleto de exigências, escolhas e possibilidades, e por isso mesmo, em tudo decisivo. Considerando que a expressão simbólica aponta para Deus, a tarefa do simbólico junto à juventude torna-se vital.

A CNBB (Doc. 85, n. 89), pensando a partir de suas orientações pastorais, declara que “A juventude é o símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma”. Um pouco antes, no mesmo documento, não obstante, já advertia sobre o específico na abordagem do jovem.

Entrar em contato com o “divino” da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus. O jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado (CNBB, Doc. 85, n. 80).

No sentido da jovialidade expressa acima, JUNG (2011, p. 362-363, n. 798) também ressalta a capacidade dos jovens de lutar esperançosamente para construção do seu futuro. Para ele, a vida é teleológica por excelência e é próprio dos jovens dispor de mais energia na conquista de seus objetivos. “O ser humano orientado biologicamente na primeira metade da vida, graças à juventude, tem geralmente a possibilidade de suportar a ampliação da vida e fazer dela algo útil” (JUNG, 2012, p. 74-75, n. 113). Assim, o jovem precisará conhecer seus instintos para melhor defrontar-se com seu desenvolvimento. Quando, porém, chegar a hora da metade vida, do envelhecimento, a transição do biológico para o cultural exigirá elaboração simbólica.

Neste ponto é preciso lembrar que o símbolo é de natureza complexa e ambígua, abrangendo ao mesmo tempo o racional e o irracional, embora não possuindo nenhuma dessas naturezas.

Do acima visto depreendemos uma função social para o símbolo. CROATTO (2010, p, 113-114) explica que o símbolo é gerador vínculos sociais, sendo social o próprio símbolo religioso. Para esse autor o símbolo tem uma natureza de linguagem envolvida nas condições sociais e culturais, mas que mantém no indivíduo ligações com seu inconsciente.

Como linguagem que é, o símbolo tem, portanto, uma função social. É uma linguagem de comunicação profunda, quando não é confundido com o signo ou a metáfora, desvio mais frequente do que parece. O ser humano no cotidiano precisa falar em símbolos para expressar suas vivências. Com maior razão o *homo religiosus*, já que o símbolo é a palavra inicial da experiência religiosa. Não há outra linguagem para essa experiência (veremos que o mito e o rito são, em primeira instância, construções simbólicas) (CROATTO, 2010, p.114).

Portanto, a religiosidade e a espiritualidade têm na elaboração da linguagem simbólica, primordialmente, sua forma de apontar para Deus, que é o portador de toda a plenitude e de todo o sentido alcançável para a vida. Nessa direção, os símbolos são também imprescindíveis aos jovens, na completude da vida, desde a infância e até a velhice.

3. Juventude e sentido de vida

Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas (Mt 6,33).

Perguntar sobre o sentido da vida envolve diretamente sua compreensão filosófica. Quais são as finalidades da vida? Que significado tem a existência humana? Porque existem o mal e o bem? São inúmeras as questões que surgem da relação entre o homem e seu mundo. As respostas quanto a um sentido da vida não são unânimes. Não há consenso filosófico entre as pessoas, tanto no tempo quanto no espaço.

Para a religiosidade cristã, entretanto, há uma orientação de fé e o sentido da vida está na comunhão com Deus. Tendo sido criado à sua imagem e semelhança (Gn 1, 26-27), o homem tem necessidade de Deus. Essa qualidade espiritual dispõe ao homem uma abertura ao transcendente. A experiência religiosa, todavia, faz parte da experiência de vida como um todo e é igualmente relacional. A relação com o divino, considerando sua especificidade e irreducibilidade, tem lugar e alcance nas limitações da condição humana, daí a insaciável vontade Deus presente na alma.

A CNBB, atenta a essa característica do espírito humano, a propósito da evangelização dos jovens, declara: “A vocação à santidade e a certeza de que a juventude é um lugar teológico da comunicação de Deus desafiam a Igreja a uma proposta de espiritualidade como caminho

que dê sentido à vida, em um constante diálogo com o Pai, através de Jesus, no Espírito Santo” (CNBB, Doc. 85, n. 118).

Anteriormente, na conclusão do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI já falava diretamente os jovens:

“A Igreja, durante quatro anos, tem estado a trabalhar para um rejuvenescimento do seu rosto, para melhor responder à intenção do seu fundador, o grande vivente, o Cristo eternamente jovem. E no termo desta importante «revisão de vida», volta-se para vós. É para vós, os jovens, especialmente para vós, que ela acaba de acender, pelo seu Concílio, uma luz: luz que iluminará o futuro, o vosso futuro” (PAULO VI, 1965, não paginado).

Reconhecendo nos jovens aqueles que, recebendo a transmissão da fé, irão construir a sociedade do futuro, o Paulo VI (1965, não paginado) ainda diz a eles com confiança: “vós sabereis afirmar a vossa fé na vida e no que dá um sentido à vida: a certeza da existência de um Deus justo e bom”. Com esse ensinamento podemos entender uma vocação genuína para os jovens, que são chamados à santidade e à amizade com Deus (FRANCISCO, 2019, n. 248), cujo projeto para nós é que tenhamos vida em abundância (Jo 10,10).

Conclusão

Como vimos, a linguagem simbólica é originária da experiência religiosa e a própria dinâmica da psique humana exige elaboração simbólica. Nessa realidade está presente uma carga afetiva que interpela a pessoa. A contextualização desses fatos mostra que a espiritualidade nos encaminha para o sentido completo e último de nossas vidas, que é Deus. Para a Igreja, é nesse Deus justo e bom que a juventude encontrará seu sentido de vida. O modelo é “o Cristo eternamente jovem” (PAULO VI, 1965, não paginado).

Dessa forma, podemos concluir que, assim como os jovens apontam para desafios e realizações em direção ao futuro, a teologia expressa em linguagem simbólica aponta para o chamado de Deus e sua experiência, em direção à plenitude do Espírito. A correlação entre essas duas formas de dinamismo, por fim, indica para uma interdependência onde o dom de Deus pode iluminar e frutificar a juventude.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BERNARD, Charles André. *Teologia simbólica*. Roma: Edizioni Paolini, 2.ed. 1984. Disponível em: <https://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-simbolica-compresso.pdf>. Acessado em: 19 set. 2023.

BERNARD, Charles André. *Teologia afetiva*. Roma: Edizioni Paolini, 1985. Disponível em: <https://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-affettiva-compresso.pdf> Acessado em: 19 set. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acessado em: 22 set. 2023.

BRASIL. *Lei nº 12.582, de 05 de agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acessado em 20 set. 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documento da CNBB, 85). Disponível em https://www.jovensconectados.org.br/documentos/Documento_85_CNBB.pdf. Acessado em 20 set. 2023.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Loreto: 2019. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em 11 dez. 2023.

JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obra completa, 6).

JUNG, Carl Gustav. *A energia psíquica*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (Obra completa, 8/1).

PAULO VI. Mensagem do Papa Paulo VI na Conclusão do Concílio Vaticano II – Aos jovens. Roma: 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani.html. Acessado em 20 set. 2023.

SESBOÛE, Bernard. *Convite a pensar e vir a fé no terceiro milênio – II: sacramentos credíveis e desejáveis*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009.